

## PROBLEMAS SINDICAIS

# Para se travar o combate no terreno económico é preciso conhecê-lo

A Confederação Geral do Trabalho é um organismo de carácter essencialmente económico.

Interessam-lhe todos os assuntos que se relacionam com o trabalho a produção e o consumo. Assente, pelas doutrinas dos sociólogos e pela experiência de séculos, que as sociedades humanas se determinam mais por factores económicos do que por factores espirituais, o proletariado consciente e organizado que pretende alcançar uma sociedade mais equitativa exerce a sua acção transformadora, revolucionária, no campo económico. Não se compreende, pois, que ele desconheça o campo onde trava a luta, como não se compreende que um homem normalmente lúcido tome por um caminho que não sabe onde vai dar.

A Confederação Geral do Trabalho é o organismo máximo, de carácter revolucionário no campo económico, do proletariado português. Porque reúne no seu seio a maioria esmagadora das agremiações sindicais de produtores da indústria, da agricultura, etc... Mas, que sabe a Confederação da situação económica do país? Se lhe perguntarem subitamente qual é o valor da produção agrícola, piscatória, vinícola, mineira—ela não saberá responder. Não tem esses assuntos estudados devidamente. Não sabe o que se produz actualmente nesta sociedade individualista de interesses egoístas e pessoais, e desconhece, em contrapartida, o que se deveria produzir aproximadamente numa sociedade em que os interesses comuns fossem geridos pelos interessados através dos organismos de carácter essencialmente económico.

E a C. G. T. portuguesa, onde esses assuntos deveriam ser observados e estudados escrupulosamente, desconhece-os lamentavelmente porque, hemos de reconhecer, não pode realizar impossíveis. Enquanto a sua vida, pela força das circunstâncias—e sejam francos, um pouco também por desleixo dos homens—gira no círculo acanhado do aumento de salário, do horário de trabalho e de outras aspirações importantes, é certo, mas mesquinhas em relação à grande obra futura a realizar, a Confederação nunca estará apta a alcançar os objectivos de carácter económico para que a sua própria natureza a destina. Enquanto escassearem os militantes para os labores rudimentares da vida associativa, como poderão eles entregar-se mais detidamente a trabalhos de maior fôlego, que requerem, além de tempo, que não temos agora, uma competência mental para que nos faltam elementos?

Entretanto, de bom aviso andamos—parece-nos—aludindo a estes problemas para que neles pensem, para criarmos estímulo em nós próprios, para nos lembrarmos de que é longa e árdua a estrada a percorrer e para encontrarmos no nosso seio a energia bastante para emendar erros e eliminar deficiências.

Ser revolucionário não é apenas ser combativo. É ser consciente. E na época de largos progressos científicos, como é esta que atravessamos, a organização operária para ser conscientemente revolucionária tem de conhecer os problemas económicos—em cujo terreno deseja operar a sua Revolução—melhor e com mais lucidez do que à própria burguesia que pretende derrubar. De contrário, os seus movimentos nunca deixarão de ser leves escaramuças, com muito heroísmo, muita boa vontade, muito entusiasmo, mas sem a energia criadora que, abalando os alicerces da sociedade capitalista, mostre às massas trabalhadoras que há possibilidade de erguer um novo sistema social diverso do presente, mais equitativo e mais amplo.

E não estaria a Confederação nesta situação de atraso que todos nós lamentamos se a propaganda fôsse organizada com inteligência e método tais que trouxessem ao nosso seio os elementos capazes de tornar possíveis os trabalhos necessários que, por enquanto não passam de simples aspirações.

## A questão dos tabacos

Numa importante sessão magna ontem realizada o pessoal dos tabacos persiste na defesa dos seus interesses

Reuniram-se ontem, novamente, no salão da «Voz do Operário» o pessoal operário e empregados na indústria dos tabacos em Lisboa.

A sessão que teve início às 18,15 horas, foi presidida por Torcato Joaquim do Couto, representante do pessoal do Porto, Amélia dos Santos, da região, e José Monteiro, do pessoal extraordinário.

A ampla sala da «Voz» estava repleta. Expostos os fins da reunião, o presidente deu a palavra ao velho militante Joaquim José da Rocha que começa por historiar as fases por que tem passado a classe. Aprecia a situação actual e a morosidade com que o Parlamento tem tratado a questão dos tabacos.

Francisco Antunes relata as «demarches» efectuadas pela delegacia de que faz parte, junto da direcção da Companhia e do comissário, comunicando à classe ora reunida que foi tomada a deliberação de suspender a partir de hoje a laboração das fábricas, por motivo de balanço, ficando a Companhia o encargo de satisfazer os salários aos operários. Relembra-se a situação da classe à face do novo contrato, diz ser tardia e monótona a maneira como o Parlamento se tem ocupado do assunto.

E' conferida a palavra ao dr. sr. Borges de Sousa, advogado da Companhia que, fazendo o panegirico do velho militante Joaquim José da Rocha, manifesta o seu pesar pelo falecimento da esposa de tão ilustre elemento da classe dos tabacos, propondo uma manifestação de sentimento por parte da assembleia, que esta aceita, profundamente comovida. Em seguida, aprecia a situação criada à numerosa classe dos operários da indústria dos tabacos, aconselhando calma e optimismo a todos e que se unam, única forma de assegurarem os seus direitos.

Raul Remartinez, na mesma ordem de ideias, é de opinião de que após o 1.º de Maio o pessoal se apresente nas fábricas disposto a trabalhar e repudiando os subsídios, para que algum mal intencionado não afirme que entre a classe também há parasitas.

José Monteiro, depois de a justificar apresenta a seguinte moção:

«O pessoal operário e não operário ao serviço da indústria dos Tabacos reúne em sessão magna

Considerando que o monopólio dos Tabacos termina em 30 de Abril corrente; que a falta de resolução sobre o futuro regime de tabacos poderá trazer graves prejuizos para o Estado, para o pessoal e para o publico consumidor, se até aquela data o Parlamento não tomar qualquer deliberação;

que este estado de coisas é prejudicial a

# A BATALHA

## A agitação operária cresce na Inglaterra

Os mineiros rasgam os avisos de baixa dos salários

LONDRES, 26.—Nalguns centros mineiros, os avisos afixados pelos proprietários, que estipulavam novos salários a partir do dia 1.º de Maio, foram rasgados pelos operários.

Os mineiros constituíram comités de defesa para exigirem salários que lhes assegurem meios de subsistência. A população dos centros mineiros anda alarmada com a perspectiva duma próxima greve, a qual viria agravar a já precária situação económica e apressaria a ruína.

O governo inquieto-se e a imprensa manifesta-se

LONDRES, 26.—O Times afirma que nos meios ministeriais se manifesta uma grande desolação pelo insucesso das negociações entre patrões e operários mineiros, oito dias antes do prazo marcado. O governo tem apenas uma semana para diligenciar um acordo. O chefe do governo procura activamente uma plataforma, aceitável por ambas as partes, determinando uma base nacional e regional.

Para o Times, o sacrifício deverá ser exigido tanto aos salários como aos lucros, porque a greve forçará muitas minas ao encerramento e o capital perder-se-há. Se a redução de salários fôsse aceite, a indústria mineira reorganizar-se-ia e em seguida os salários se elevariam novamente, assim sendo temporário o sacrifício pedido aos operários.

O Daily Herald, trabalhista, afirma que a redução de salários será a nudez e a privação para os filhos e para as mulheres dos mineiros, coisas que estes não querem que percam.

O Daily News censura a atitude dos proprietários por tornar impossível qualquer acordo.

A Westminster Gazette entende ser tempo de o sr. Baldwin resolver acerca do relatório da comissão real e acerca da assistência a prestar temporariamente pelo governo.

O que declara o secretário da Federação dos mineiros

LONDRES, 26.—O sr. Cook, secretário da Federação dos Mineiros, entrevistado pelo Daily News, declarou que, se o conflito estala, os mineiros e as Trade Unions saberão resistir a todas as reduções de salários. Em sua opinião, está em jogo o futuro da indústria mineira, cuja necessidade urgente de reorganização deve ser mostrada ao publico e ao governo exigir-se a sua prática realização.

O Daily News, a propósito da crise, diz em editorial que a diminuição das exportações é a causa do desastre económico e pergunta porque as regiões que não são realmente afectadas estão compreendidas na assistência financeira em projecto, sobretudo quando a aplicação desta medida não consegue subvencionar em proporção com as necessidades dos centros em crise. —(H.)

## Aos metalúrgicos

Pedem-nos a publicação do seguinte: A comissão administrativa da Secção Metalúrgica de Belem, verificando o desleixo a que os metalúrgicos, assim como o operariado em geral, têm votado às conferências levadas a efeito pela Universidade Popular Portuguesa, desleixo esse que pode levar ao desánimo os individuos que andam empenhados na grandiosa obra de instruir o povo, convida o proletariado em geral a assistir às ditas conferências que se realizam na sede da Universidade e nas diversas secções. Sendo a educação a principal base da nossa emancipação, não faz sentido que nos alheemos assim daqueles que até nós a vêm espalhar.

Na próxima sexta-feira, 30 do corrente, realiza-se mais uma conferência da série «Metalurgia do Ferro» que o sr. Charles Lepierre vem realizando na secção de Belem, rua Paulo da Gama, 6, 1.º — A comissão.

esta parte do pessoal dos tabacos o que pretende é que o Estado lhe assegure trabalho e conveniente remuneração, ficando a assistência mútua na invalides a cargo dos operários.

O documento de João Rodrigues Cassão foi aprovado.

Joaquim José da Rocha agradece a forma sentida como a assembleia se manifestou, homenageando a memória da sua companheira.

Henrique de Almeida Pinto deseja ser iludido acerca da situação do pessoal a partir do dia 1.º de Maio, em que termina o contrato em vigor, informando-o Francisco Antunes de que já existe um estudo feito pela delegacia da classe, que uma assembleia proximamente sancionará.

Por fim, a presidência conferiu a palavra a Abilio Leopoldo Gama, antigo operário dos tabacos, demittido da última greve. Lembra à classe a conveniência de não descurar a situação dos operários demittidos, pugnando à ontrance pela sua reintegração.

Neste sentido apresenta cópia dum documento a enviar às entidades que superintendem para a solução da questão dos tabacos.

A sessão encerrou-se seriam 21 horas.

## UM ABUSO INFAME

no qual colaboram o presidente e um vereador da Câmara Municipal

Há um mês, aproximadamente, uma comissão composta de vários moradores do bairro da Liberdade procurou o presidente da Câmara Municipal reclamando providências para os abusos que o sr. Jaime Carvalho da Silva (irmão do tradicional Carvalho da Silva, delegado dos senhores no Parlamento) vem cometendo e que muito affectam os interesses dos moradores do aludido local. Ao sr. Corvinel Moreira foi entregue uma representação que, em resumo, reclama o seguinte:

Facilidade de comunicações com a parte da cidade que lhe fica próxima. O pedido à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses para que nas palissadas junto à estação de Campolide sejam abertas passagens. Impedir a todo o transe que o sr. Carvalho da Silva, proprietário dos terrenos que circundam em parte o referido bairro, vede a única comunicação que há entre a parte alta e a parte baixa do mesmo. Obrigar o referido proprietário a desmbarcar e a tornar livre como dantes, o caminho que lhe mandou obstruir e que é a continuação da travessa da Rabicha, passando sob as linhas ferreas do Norte e de Sintra.

Prometeu o sr. Corvinel Moreira occupar-se do assunto. E de facto visitou o local, acompanhado do sr. Almeida Santos. Prometeram ambos providenciar porque achavam de toda a justiça o que os moradores do bairro da Liberdade reclamavam.

Mas os dias decorreram e as providências não se fizeram sentir. Entretanto o sr. Carvalho da Silva, mano, abusava da sua situação e obrigava, e obriga, todos os veículos que passam através da sua propriedade para o aludido bairro a pagar 10 escudos cada. Como não há outra passagem porque a da travessa da Rabicha foi por ele entulhada propositadamente, não têm os moradores outro remedio senão sujeitar-se ao imposto infame.

Ontem uma comissão de habitantes daquele bairro voltou a avistar-se com o sr. Corvinel Moreira, na Câmara Municipal, que mastigando razões não adiantou nada, dando a desoladora impressão de que lhe interessam mais os lucros do sr. Carvalho da Silva, do que os legítimos interesses dos munícipes.

Encontram-se estes na triste situação, em caso de sinistro—incêndio, derrocada, inundação—de não poderem ser socorridos devidamente visto que os carros de socorro não podem passar.

Sempre gostaríamos de saber com precisão quais são os interesses que melhor atenção merecem à Câmara—os legítimos de mais de mil pessoas ou os particulares de um Carvalho da Silva qualquer.

## O 1.º DE MAIO

### Câmara Sindical do Trabalho

Em sua reunião, nomeou a comissão 1.º de Maio, que ficou composta por Virgílio de Sousa e Alexandre Rosado e que auxiliará a comissão instaladora na intensificação das comemorações.

### Trabalhadores rurais de Elvas

E' o seguinte o programa de comemoração do 1.º de Maio:

Dia 1.—A's 10 horas, sessão solene inaugural da bandeira do Sindicato; às 12 horas, abertura de um bazar; às 22 horas, sarau no teatro Elvense.

Dia 2.—Comemoração festiva do segundo aniversário deste Sindicato, havendo às 16 horas, um comício publico de propaganda sindical.

### Manipuladores de Pão do Porto

Aprovaram em assembleia geral a seguinte moção:

«Considerando que o 1.º de Maio é um dia histórico que deve ser acompanhado duma completa paralisação do trabalho, visto significar um protesto contra as prepotências capitalistas e uma comemoração da grande luta empreendida pelos trabalhadores norte-americanos em 1890, do que resultou a morte de muitos militantes em prol do regime das 8 horas;

Considerando que em todas as localidades se realizam manifestações pela organização operária, cumprindo esta classe acompanhar-las;

Mas atendendo a que, caindo a um sábado o 1.º de Maio, a paralisação do trabalho dos manipuladores de pão vem prejudicar muitíssimo a população, especialmente os hospitais e estabelecimentos de caridade, que ficam, devido ao descanso semanal, privados de pão durante dois dias; esta classe, baseando-se no meu principio verdaderamente humano, resolve:

1.º Trabalhar, dando, todavia, toda a sua adesão moral a todas as manifestações que se efectuarem; 2.º que esta classe se faça representar em todas as manifestações promovidas pela Câmara Sindical do Trabalho; 3.º fazer publicar este documento na imprensa, para conhecimento do publico».

### Liga das Artes da Viação do Porto

Reuniu-se em assembleia geral, ficando aprovada uma extensa moção que, nas suas conclusões, determina a paralisação do trabalho no dia 1.º de Maio e que a bandeira do sindicato figure no comício promovido pela C. S. T.

### Inundações em Moscovia

MOSCÓVIA, 26.—Por se terem quebrado os gelos, o rio Moscovia saltou do leito e inundou numerosas fábricas. Também ficaram inundadas muitas aldeias, do que resultou a morte de numerosos animais e a destruição de armazens de viveres. A cidade de Pskov ficou inundada na sua maior parte.

Em Moscovia, as águas alcançaram os muros do Kremlin, tendo muitas ruas ficado submersas por completo e vendo-se flutuar grandes blocos de gelo. Os prejuizos são insignificantes, devido às precauções tomadas, não se registando também vítimas.—(H.)

## EM LOURENÇO MARQUES

# Ao Alto Comissário conveio-lhe materialmente prolongar a greve dos ferroviários

As represálias da greve condenaram 400 famílias à miséria!

LOURENÇO MARQUES, Março.—Há três semanas que A Batalha não aparece em Lourenço Marques, levando-nos a supor que a censura arbitrária de Azevedo Coutinho se faça sentir no órgão dos trabalhadores, o único que neste momento ataca esta situação de crápula e desvergonha.

Só faltava suprimir A Batalha, pois que todos os outros que representavam a opinião estão reduzidos ao silêncio, pesando uma dura perseguição sobre os seus directores, no caso destes apparecerem.

Faltando A Batalha em Lourenço Marques estão, pois, a vontade os audaciosos governantes deste Reino de Arbitrio e de Absolutismo.

A Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, o coveiro de Moçambique, devia escaldar-lhe nas mãos o dinheiro que persiste em receber em vez de abandonar a Província. E' que para Azevedo Coutinho há uma coisa mais nobre do que ter vergonha ou carácter: é ter dinheiro.

A irresponsabilidade aliada à falta de escrúpulos leva Azevedo Coutinho ao cometimento de toda a espécie de baixezas.

Prolongando o conflito ferroviário durante tanto tempo, conseguiu receber durante esse período a importância de duzentos e cinquenta e dois contos que bastante o ajudarão a viver na prolongada ausência que vai fazer aos maneios da politica portuguesa.

Azevedo Coutinho, acima dos interesses da Província, poz os seus, visto que resolvendo a greve com a urgência que requeria perderia a oportunidade de ganhar duas centenas de contos.

Azevedo Coutinho sabia que tinha que abandonar a Província desde que resolvesse o conflito ferroviário e, na intenção de o resolver a bem, foi deixando prolongá-lo e permitindo que os seus conselheiros fôsem dando alvitre e apresentando medidas.

Surdiram os primeiros actos violentos da autoridade, e os ferroviários, como persistissem em se defender, desencadeou-se a torrencial chuva de violências e arbitrariedades que fez horrorizar este povo de Moçambique que há tantos anos por aqui não tinha assistido a cousa parecida, ainda quando da guerra com o Ounguhana.

Como a opinião publica tivesse sido suprimida pelas medidas de repressão aos seus órgãos da imprensa, procurou criar-se uma opinião publica artificial fazendo sair três jornais os quais se apresentavam a falar em nome dos que não podiam tugar nem mugir!

Era o máximo da audácia e o cúmulo da velhacaria!

Destes actos foi um nuncio acabar no go verno de Azevedo Coutinho.

Cometeram-se as maiores escroquerias e escamoteações com a opinião do publico que por sua desgraça nem um telegrama de protesto ainda pode enviar.

Moçambique fica a escorrer sangue durante largos anos e Azevedo Coutinho fica sobremaneira remediado com a sua vinda à Africa, de onde não deveria sair impune.

Ficam neste momento as prisões cheias de vítimas causadas pelo odio torvo dos conselheiros vorazes de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho e perto de 400 ferroviários sem emprego a-pesar da grande e absoluta necessidade de os readmitir a todos.

## UMA CLASSE RESSURGE

# OS EMPREGADOS NO COMÉRCIO E AS SUAS REIVINDICAÇÕES

Um dos militantes mais activos da classe fala à «Batalha» sobre o horário de trabalho, descanso semanal, trabalho de menores e outros problemas

Acostumados a não sentir grande movimento de carácter reivindicador por parte da classe dos trabalhadores no comércio surpreendemo-nos o que há um tempo a esta parte se vem notando de agitação promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa. Não era por isso demais aproveitar uma oportunidade para fazermos falar um dos elementos mais empenhados nos trabalhos que aquele sindicato está levando a cabo e essa oportunidade se nos deparou num encontro ocasional com um dos membros da comissão de melhoramentos.

—Que reviravolta foi essa—preguntamos-lhe—que levou a vossa classe a pôr-se à cabeça do movimento de defesa do horário de trabalho e descanso semanal?

—Contos largos, meu amigo. Abandonámos a expectativa tornada eterna de esperar que os organismos de classe que até estavam e com eles todos os «jarrinhos» e «jarrões» abandonassem o seu já proverbial comodismo e se integrassem na luta em prol dum programa largo de reivindicações para a classe. Mas não falemos do passado. Esse só nos interessa como ao marinheiro o farol. O passado vai servir-nos para não deixarmos que a nossa nau vá de encontro aos seus escolhos; servir-nos-há, e até já está servindo, para tomarmos rumo ao largo, onde não haja fráguas a tóldar-nos a luz solar.

—Tendes então um programa vasto?

—Vastissimo.

—A Batalha interessa saber até onde vai esse programa e quais os vossos objectivos.

—As demais classes vêem com simpatia o despertar dos empregados no comércio, que elas estão acostumadas a ver encerrados nos seus redutos, como que temerosos do seu contacto.

—Assim é. Os empregados no comércio mantiveram-se sempre afastados dos trabalhadores das demais classes, por culpa dos seus militantes. Atribuindo-lhes uma psicologia especial não davam aos organismos de classe aquele caracter de luta, de estudo, que lhes criaria o hábito de pensar um pouco sobre a sua situação. Em vez de aproximarem o empregado no Comércio dos outros trabalhadores afastavam-no. Parece que temiam que eles lhes empanassem o burrão do colarinho com as limas-lhas de ferro que porventura tivessem ficado depositadas nas dobras da blusa. E não se lembravam que o laço cuidado da gravata, a linha mais ou menos certa do facho de cheviote de modo algum significava mais saber ou menores motivos de revolta.

—Ah! meu velho, só quem como eu começou aos 10 anos a vida de balcão e percorreu toda a escala; quem como eu, por dever profissional, conhece a vida comercial em todos os seus detalhes, tendo penetrado desde os mais luxuosos aos infimos estabelecimentos e escritórios e se tem inteirado de todos os negócios e estudado todas as formas de negociar e de viver por aí...

—Olha que não são os «honrados» comerciantes da nossa praça» que podem acusar alguém. Entre eles há de tudo...

—Quando oigo dizer que a ruína da lavoura, comércio e indústria em Portugal é devida à falta de produção, sinto vontade de ir à praça publica desmascarar os tartufos que fazem tais alegações.

### A actual situação do empregado no comércio

—Mas o entusiasmo com que falas do

comércio e de comerciantes não me elucida dos objectivos do S. E. C. I. L.

—Lá iremos. Os empregados no comércio passam, com raras excepções, uma vida de privações e vergonhas. Os pequenos ordenados que auferem e as suas condições de trabalho obrigam-nos muitas vezes a actos que lhes repugnem.

«A sua falta de cultura e de educação social coloca-os em tais condições de inferioridade, em face das outras classes, que os patrões sujeitam-nos a todos os vexames.

«Não é raro vermos que leva atrás de si toda ou quasi toda a prole para o escritório, ou balcão.

«Como o seu ordenado não chega para atender às necessidades do lar, leva as irmãs, ou a companheira para trabalhar com ele.»

—E isso resolve-lhe o problema?

—Não, homem. Agravou-lhe. Nada, ou pouco mais de nada, lho melhora economicamente e pelo lado moral às vezes despenha tudo.

—E o que pensam, então, vocês fazer?

—Já começámos a acudir a classe por meio de sessões de propaganda associativa por todos os bairros. A primeira sessão realizou-se no Alto do Pina, a segunda no Poço do Bispo; aquela na Secção da construção civil, esta na sede dos corticeiros. Além da propaganda tendente a fazer ingressar a classe no Sindicato, nestas sessões procura-se demonstrar a razão do horário de oito horas e do descanso semanal sob o ponto de vista de educação. O uso de carroças de mão tem nos merecido bastante atenção e não o deixaremos do ponto.

—Onde se seguem as outras sessões?

—O nosso itinerário está assim marcado: Belem, Alcântara, Esperança, Caminhos de Ferro, St. Graça, Arroios, Campo de Ourique, Benfica, Palma, Lumiar, Campolide, Rato e sede; respectivamente, 29 de Abril; 4, 7, 11, 14, 18, 21, 25 e 28 de Maio; 1, 4, 8 e 11 de Junho, próximos.

O despartir de uma classe laboriosa

—A classe corresponde ao vosso esforço e vontade?

—Tem dado provas disso, acorrendo às sessões, como também apressando-se a inscrever-se no Sindicato. Sentia-se só, abandonada. O horário de trabalho em todos os bairros era letra morta, obrigados a arrastar atrás de si o veiculo do sacrificio, como se fôsse um crime o facto de haverem nascido pobres. Nós temos chegado com a nossa palavra quente, sincera...

—Mas dizias: O horário era letra morta...

—Sim, o horário era letra morta; mas desde que se começou a afixar pela cidade os cartazes annunciadores do ressurgimento da acção do nosso Sindicato e correu a noticia das sessões e do nosso propósito de ir até onde fôr preciso, para assegurar as regalias conquistadas, um bom número de comerciantes tratou de fazer cumprir o dito horário. Sem embargo, a despeito da promessa do governador civil de que iria ordenar à policia que fizesse aos comerciantes dar cumprimento a essas leis, nós constatamos que nos bairros afastados as mercearias, drogarias, etc., estão abertas até às 21 horas; como aos domingos, mesmo com a porta fechada, o pessoal está a trabalhar, servindo a freguezia, que, já fiada nessa facilidade, deixou de fazer as suas compras na véspera.

—Então o publico também tem culpa do



## Como decorreram as sessões do Congresso da Esquerda Democrática

Os Filhos do Sol prosseguiram anteontem nas suas sessões, com inalterável e notável tranquilidade. A aula dominical dos que a política fez protestantes teve farta concorrência. A pontualidade — como na véspera, mas quem espera... sempre alcança.

Ao princípio era o verbo dos congressistas a protestar contra a ausência do sr. Pereira Osório, que não vinha para a presidência por estar jantando em casa dum amigo.

Corre a cavalcada das saudações. Depois, os longos episódios de intermináveis discursos. Enfim, chega o sr. Pereira Osório que se justifica do seguinte modo:

«Não vimos oferecer à massa republicana um doce mau. Oferecemos-lhe sim o manjar do programa partidário da propaganda! Não temos ao nosso lado a alta banca e a alta finança.

O grande industrial Pinto de Sousa solta prolongados sons, que nós não compreendemos. Parece, porém, que desta vez teve o bom senso de não se dizer amigo dos operários. Porque os seus amigos não acreditam em?

### Um discurso memorável

Depois, um recitativo melodramático do sr. Marcial de aspecto pacífico e juvenil. «Estou angustiado! Quem salva o país, quem salva o país da tremenda desgraça! Quem continua a obra ciclopica e neptunica dos nossos formidáveis antepassados? Ninguém responde, mas o orador prossegue:

«Cada dia que passa sobre nós mais se precisa que nasça um Aquiles para que o minotauro saia das almas das flores. A juventude chora dentro das almas.

«A minha única esperança reside no sr. dr. José Domingues dos Santos.

Disse. Depois, aprova-se as melhoras do sr. Barros Queiroz e protesta-se contra a prisão do nosso camarada João Major. A proposta do sr. Nordeste sofre rijas palavras.

### A criação da criança

Discute-se largamente a carta orgânica do novo partido. O sr. dr. José Domingues dos Santos faz um longo discurso e, no final, é ovacionado por lenços de assoar e por guardanapos.

### Na sessão da noite

Eram 22 e meia quando se começou a sessão nocturna. Fala o sr. Pereira Osório, que apela para o bom senso e inteligência e sentido prático dos congressistas.

O sr. João Pedro dos Santos apresenta uma extensa moção, aplaudindo o contra-projecto do sr. dr. Pestana Júnior sobre os tabacos, no sentido da liberdade de comércio e indústria; protesta contra o jogo com sanções penais; convidando os parlamentares da esquerda a carestia da vida; protestando contra o projecto que concede personalidade jurídica à igreja, etc., etc.

O sr. dr. Manuel Monteiro vem agradecer em nome do sr. dr. António José de Almeida a saudação que o Congresso lhe enviou.

### Plínio zanga-se a valer

Um episódio dramático com laivos de tragédia. O sr. Plínio da Silva fala com admiração do chefe — perdão, do «leader» — da esquerda democrática.

Depois, zanga-se muito, zanga-se imenso. Fala do que fez como ministro e revela, a seguir, o seu triste fado:

«Estava fora do país quando caiu o ministério do sr. António Maria da Silva. Se fosse um «jongleur», como tantos outros que por aí há, procuraria situações cómodas. Não procurou.

Mas ficou surpreendido quando, chegando a Lisboa, soube que estava irradiado do P. R. P. Por aqui se vê o critério que presidiu às irradiações daquele partido que serviu com lealdade. Leu cartas, a propósito da sua irradiação, para concluir que a sua situação é, por assim dizer, insustentável. Até certa altura acusavam-no de deferir à «outrance» os «canhotos». Por isso esperava um amplo carinho da parte do seu partido.

Queixa-se do seu partido, ora em criação, faz acusações veladas. Levanta-se um assalador *pe-de-vento* na assembleia, ninguém se entendendo. Há frases de repúdio. E o sr. Plínio Silva:

«Já têm alguma secção? — Bem vêis que sim. Mas como isto é um país de analfabetos não admira que parte do povo não saiba o que lhe cumpre fazer nem que regalias há de defender.

«Como vos lides haver então com isso, de forma a ver cumpridos rigorosamente o horário e descanso?

«Nomeando fiscalização nossa e continuando a agitação até que isso se verifique. Havemos, além de tudo, «sanfonar» tanto aos ouvidos das autoridades respectivas que, ou elas acordam ou lhe romperemos os tímpanos.

«Mas falou-se que vocês sabiam que havia alguma no parlamento que queria tentar a suspensão da lei do horário de trabalho, a título provisório, para ela nunca mais ser posta em vigor?

«Sim. Santana Marques, um *ilustre* «moço de freite» (sem ofensa aos profissionais) ao serviço das «forças vivas» balbuciou qualquer coisa nesse sentido na sessão dos deputados de 17 de Março último. Não era, porém, o momento oportuno e por isso ele recolheu o balão de ensaio.

«Sabemos porém que há um *desinteressado patriota* que não recula na gamela do Ultramarino, nem disse, em certa noite — e fez isso porque é valente — «Eu não sou o Granjo, o Granjo é aquele...», sabemos que esse patriota, repito, para bem servir a pátria que ele espera ainda dignificar com o seu gesto ditador, aguarda o momento oportuno para anavalar a classe trabalhadora pelas costas, já que frente a frente por duas ou três vezes teve de fugir corrido, ou a biqueira do «Zé» lhe havia assentado em cheio.

«Isso é grave...»

«É grave, sim. Mais grave do que muitos julgam... Nós não abandonaremos a agitação e as outras classes que façam o mesmo.

«Terminada a série de sessões, qual é o trabalho que lhe segue? — Não terminam mais. Completa a primeira série, seguir-se-lhe há outra. Essa é para aperfeiçoamento das secções instaladas e instalação daquelas que agora não for possível instalar.

«Isto encaminha-me para abandonar a política e acolher-me ao lar, tranquilo... Um congressista:

«V. ex.ª não tem o direito de abandonar o Partido.

O revoltado não se conforma. E grita: «Vou-me embora, na força da vida, quebradas as ilusões. Dou-lhes um abraço e vou-me embora»

E juntou a acção à palavra. Dizia Guyau: o homem que não procede como pensa...

O congresso desconcerta-se. Ninguém sabe a que haver. Subito, aclama-se o ausente. E o sr. Amadeu de Vasconcelos pede a palavra. A custo, consegue dizer que o congresso deveria decorrer como água pura em garrafa de cristal, propondo finalmente que se demova o sr. Plínio Silva.

O congresso voltou à sua paz habitual. Falam vários congressistas sobre temas vários.

### O primeiro directorio

Ficou assim constituído o directório do recente partido:

Effectivos: Adriano Augusto Crispiano da Fonseca; Alfredo da Cruz Nordeste, António Joaquim de Sousa Júnior, António Medeiros Franco, Carlos Eugénio de Vasconcelos, João Pina de Moraes, José Domingues dos Santos, José Joaquim Pereira Osório, Luís António da Silva Tavares de Carvalho, Manuel Gregório Pestana Júnior e Pedro Januário do Vale Sá Pereira.

Substitutos: Adolfo Coutinho, Aníbal Augusto Ramos de Miranda, António Rezende, Augusto Carvalho da Silva Pinto, Duarte Clodomiro Pateu Sá Viana, Ezequiel Soveral Rodrigues, João Carrington Simões Costa, Jorge Barros Capinha, José Cortez dos Santos, Manuel Paulino Gomes e Manuel Pedro Guerreiro.

### Junta arbitral

Effectivos: Amadeu Leite de Vasconcelos, Eduardo Pinto de Sousa, Leonardo Coimbra, Pedro de Castro e Plínio Octávio de Sant'Ana e Silva.

Substitutos: António Duarte da Silva e Sousa, António Pinto de Magalhães e Almeida, Américo de Castro, Eduardo Mendes Belo e Faustino Policarpo Timoteo.

### As sessões de ontem

Depois da eleição e proclamação do directório, o congresso foi diminuindo de interesse. A sessão da tarde de ontem abriu depois das 15 horas, para continuar a longa série de discursos. Logo a seguir, lêem-se numerosas saudações. Algumas adesões provocam o ruído do aplauso da assistência.

O sr. Sá Pereira afirma que trabalhará com fé democrática, falando com ternura do pequeno comércio e da pequena indústria que sofrem pesadas contribuições.

O sr. Leonardo Coimbra defende a tese «Problema da Educação Nacional», escrita propostivamente para este congresso. «Os males da República têm resultado mais da corrupção dos homens do que da corrupção das ideias. Os erros cometidos pelos homens nada provam contra o ideal republicano».

Faz considerações notáveis para justificar a orientação que deu ao seu trabalho, expondo-a em termos acessíveis a todos os espíritos.

A tese é aprovada em princípio, ficando para ser discutida no segundo congresso.

Aprova-se as teses e regressa o sr. Plínio Silva

Durante a sessão nocturna de ontem foram discutidas e aprovadas as teses apresentadas. Consequiu-se trazer à sala do Congresso o sr. Plínio Silva, que havia declarado retirar-se, parecendo, porém, disposto a continuar no seu posto.

O Sindicato do Pessoal Ferroviário do Sul e Sueste enviou ao congresso o telegrama seguinte, que, aliás, não foi lido:

Ex.ª Sr. Presidente Congresso Esquerda Democrática, Licut Camões, Lisboa:

«Sindicato Pessoal Caminhos Ferro Sul e Sueste, representando 3500 ferroviários e em nome classe ultrajada e perseguida, protesta enérgicamente perante este Congresso contra obra negativa, opressora e de pessoalismo feita nos mesmos Caminhos de Ferro pelo director engenheiro sr. Plínio Silva.

A comissão administrativa Sindicato e redacção jornal «O Sul e Sueste».

«Já têm alguma secção? — Temos a do Poço do Bispo que se organizou em primeiro lugar e com um promotor entusiasmado.

«Temos muito que fazer, muito porque protestar, muito que aprender e muito que educar. O que os outros organismos não quiseram fazer, nós queremos ou não poderam, vamos nós tentar a sua realização. Tentaremos dar personalidade verdadeira à classe de modo a que ela se encaminhe por si, saiba o que é e o que vale. Somos inimigos da taberna e do lupanar. Para uma e outro voltaremos também a nossa atenção em breve.

«Estava terminada a entrevista: O nosso interlocutor continuava divagando agora sobre vários problemas que lhe interessam à sua alma de idealista, mas esta já ia longa.

«O resto fica para depois — dissemos. E ele foi à sua vida e nós à nossa.

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

## Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrante oportunismo

Espectáculo sensacional

A dança da meia noite

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### A cantora Beatriz Baptista

A actriz-cantora Beatriz Baptista, conhecida pelo público do teatro São Luís, onde, na companhia de opereta Armando de Vasconcelos, desempenhou alguns papeis com apreciável agrado, realizou no salão da Academia dos Amadores de Música um concerto em que também tomou parte a harpista D. Arlinda da Conceição Silva e o barítono António Garcia.

A abrir o recital o dr. Alberto de Moraes, crítico e autor dramático de muito merecimento, pôs em relevo as aptidões da cantora, tendo entretido durante uma meia hora a escolhida assistência com a desamaneirada mas curiosa palestra.

Beatriz Baptista, que é diplomada pelo Conservatório Nacional de Música, cantou lied e ópera. Em qualquer destas manifestações da arte musical revelou uma voz com um agradável timbre, que a opereta não conseguiu anular, sendo digna de destaque a execução que deu a alguns dos «lieder» em que havia números estrangeiros de Scialotti, Schumann, Weckerlin, Respighi, Paisiello, Gaig e Korsakov, e portugueses de Freitas Branco e Rui Coelho.

Na ópera cantou, também com muitos aplausos, a ária do 3.º acto da «Aida» de Verdi, e «Ciel mio padre» em dueto com o barítono António Garcia, que a solo ouviu muitas palmas na célebre ária de «Um baile de máscaras», de Verdi, e em «A Graça», de Rui Coelho e «Aquele moço», de Freitas Branco.

A harpista D. Arlinda Silva tocou com sentimento e execução «A harpa solenne», de Godefrido, e «Aubade», de Hosselmans. Os acompanhamentos do pianista Júlio Silva, que é aliás um bom artista, foram por vezes incertos.

### Nogueira de BRITO

Carolina Peczenie

A Liga Naval, cuja sala de música tem sido escolhida muitas vezes para belos recitais, deu agora acolhida a madame Carolina Peczenie, que antes ouvimos num concerto da Orquestra Portuguesa, da regência de Fernandes Fão e há pouco em São Carlos no concerto Rui Coelho.

Do valor desta pianista dissemos já o que é justo ao seu temperamento interessante, à sua competência comprovada.

Neste recital o que se tornava inédito para nós era a interpretação pela própria pianista de músicas suas. D. Carolina Peczenie é uma compositora delicada, com certa elegância de forma e com uma inspiração que dir-se-ia meridional, tão sentida são os motivos das suas produções, tão acessíveis se tornam as suas frases.

A «Canção dos ceifeiros» podia ser portuguesa. A «Visão» tem traços de elegia, como o «Nocturno» tem espiritualidade.

As outras partes do programa compunham-se de obras de Chopin, prelúdios, estudos, mazurkas, valsas, polonaises, nocturnos, numa palavra toda a literatura especialíssima que caracteriza a admirável obra do grande músico polaco. Carolina Peczenie teve sentimento, união, técnica e delicadeza em todas as composições, pelo que a assistência lhe prodigalisou merecidas ovações.

### N. de B.

Intervalando com a bailarina Vitória Pinillos a empresa do Teatro Salão Foz apresenta-nos agora, por alguns dias, uma companhia de zarzuela. É um pequeno grupo de artistas, simpaticamente modestos que além de zarzuelas pequenas, muito conhecidas mas sempre apreciadas, nos dará algumas estreias cujo acatamento na Espanha é bastante notório.

Estes espectáculos a preços populares, numa sala também bastante popular e onde se não podem exigir grandes cometimentos artísticos, devem atrair farta concorrência. Os primeiros artistas satisfizeram pelas suas qualidades, sobressaindo o barítono Bonat, que possui uma agradável voz e que sabe cantar, o actor Paco, tipo de cómico muito do género destas companhias de zarzuela chicha. As duas zarzuelas com que a companhia abriu as suas representações foram «Los cambios naturales» dos maestros Rubio e Lleo e «Almea» do maestro Millan. Esta última creio que é desconhecida para nós, tendo a primeira sido levada à scena há bastantes anos.

O conjunto das segundas tiples é muito afinado.

### No Apolo

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

«Os milhões do criminoso», de Xavier de Montepín — tradução de Moreira Pinto

A companhia que o actor Rafael Marques proficientemente dirige e segunda com a sua intervenção como actor, continua no propósito de levar à scena velhos dramas, «chamariz» do público popular, engodo de emadores de *frisson*, atractivo para quem gosta ainda de ver e ler (e são muitas as pessoas) histórias complicadas da tragédia de todos os dias, com lances arriscados, situações dramáticas, enfim, um súdrio de acontecimentos típicos ou aventurosos.

«Também não desgosto, de quando em vez, de ver estes dramalhões. É uma revivência que faço, neste ambiente de frivolidade dramática que é, em via de regra, o teatro francês dos últimos vinte anos. E como não sou do tempo em que no velho Príncipe Real o espectador colaborava, em muitas ocasiões, com o dramaturgo nas informações que dava aos actores sobre o paradeiro de certas figuras sinistas da peça, aproveito estes momentos para recrear o meu espírito, convencido de que mais vale um melodrama forte do Apolo de hoje, do que as lutas de «box» do Coliseu, ou do que as sessões do Parlamento!

## Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas	40\$00
Camarotes	40\$00
30\$00 e 20\$00	
Fauteuils	10\$00
Superiores	6\$50
Geral	4\$00
Varandas	3\$00

A companhia do Apolo é uma boa companhia para este género e até... para outros. E, a impressão que nos sugeri a peça *Os milhões do criminoso*, não podia ser melhor.

Desde Rafael Marques até aos artistas de menor categoria todos me agradaram, Palmira Torres que aparecia neste teatro, Abílio Alves, Lino Ribeiro, Octávio Bramão, Ofélia Brochado, João Calazans etc., etc.

Os cenários próprios da peça, os efeitos da luz nem sempre a tempo. A encenação acertada.

*Os milhões do criminoso*, neste país dos *Angels* e *Metrópole*, devem ter larga carreira.

### Nogueira de BRITO

Estão causando a maior sensação os espectáculos de Raymond no Eden Teatro. O famoso ilusionista é admirável na execução dos seus vários números, de maravilhoso e surpreendente efeito, sendo verdadeiramente assombrosa, pela realidade que aparenta, o da mulher decepada pelo tronco. Os espectáculos de Raymond, no Eden, são a preços populares, o que ainda mais concorre para a afluência do público.

«E já na próxima sexta-feira que se realiza, no Ginásio, a recita do secretário da empresa Mário Mendes Mascarenhas. O espectáculo é atraenteíssimo, constando da representação duma linda comédia em 3 actos e também da peça dramática «O Presidiário», em que Gil Ferreira é admirável, esta em representação única.

«A sociedade elegante dá hoje «rendez-vous» no Ginásio. Ali se realiza a recita da moda, com a espiroscópica comédia «O Az», em que Palmira Bastos tem uma criação admirável, na galante «Chouquette», e em se salientam também Antonia Mendes, Gil Ferreira, no impagável «mano Augusto», Alegrim em «Le Moinois» e Henrique de Albuquerque no «capitão», mantendo, todos, o público em permanente gargalhada.

«Embora escrito ao sabor das plateias populares, a verdade é que a todos agrada o sensacionalíssimo drama «Os milhões do criminoso», o grandioso êxito do Apolo. Desde o episódio de «O incendio da fábrica», com aparatosos cenários de Salvador, até ao epílogo, o drama mantém o público em expectativa recrudescente, até final. O desempenho de «Os milhões do criminoso» é esplendoroso sobressaindo Palmira Torres e Rafael Marques, este na parte de protagonista, que interpreta admiravelmente.

«Mais uma sessão do grande torneio internacional de luta se realiza hoje, no Coliseu dos Recreios, constando do programa três magníficos encontros, num dos quais se apresenta, pela primeira vez entre nós, o estónio Iaan Iago. O seu adversário de hoje é o colosso yugo-slavo Possoff, que pesa 138 quilos. Manuel Gilro encontra-se com o finlandês Sirkk. Lutarão ainda nesta noite o alemão Kornatz contra o dinamarquês Nestrom.

«De entre os números artísticos que estão a exibir-se, com grande agrado do público, no Coliseu dos Recreios, destacaremos hoje o português Joaquim Mendes, o pintor sem mãos, que todas as noites, em menos de 10 minutos, pinta com os contos dos braços, os quadros que fazem a admiração de toda a gente. O artista Amoros com os seus balades e transformações, os portugueses «Os Latinos» com os seus maravilhosos *couplets* e o grande atleta Nestrom com os seus exercícios de força todas as noites são igualmente aplaudidíssimos.

«O mais animado e concorrido espectáculo é o do Maria Vitória, com a revista «Foot-Ball» e as «girls» Robertson's, tendo o teatro verdadeiras enchentes, todas as noites, nas duas sessões.

«No Chiado Terrace, última exhibição dos magníficos *films* «Joana d'Arc», 8 partes, por Geraldine Farrar; «Clarita May», 6 partes; e «Torcato nas ondas», 2 partes.

Uma sessão em Silves contra o fascismo e contra a extradição de Paulo da Silva

SILVES, 25.—Promovida pelo Núcleo da Juventude Sindicalista desta cidade realizou-se na sua sede, uma sessão de propaganda anti-fascista e de protesto contra a pretendida extradição de Paulo da Silva, a qual foi presidida por Dinis Varela secretário por Francisco Marques e Joaquim Rodrigues.

Falou em primeiro lugar José dos Reis Sequeira que atacou largamente a reclamada extradição de Paulo da Silva, demonstrando que os refugiados políticos e sociais não podem ser entregues ao país que foram forçados a abandonar. A organização operária afrontada por semelhante injustiça deve preparar-se para conseguir que ela não seja posta em prática.

Júlio de Matos atacou violentamente os que pretendem implantar em Portugal uma ditadura, semelhante nos seus processos criminosos à que predomina na Itália. A liberdade que actualmente existe é um paliativo reflexo da liberdade a que aspiram todas as consciências livres. Acabar com ela, lançando-nos numa tirania asfixiante seria um crime — crime que deve merecer por parte das classes trabalhadoras um combate enérgico, oportuno e eficaz. O orador termina fazendo várias considerações demonstrativas da injustiça que se pretende praticar contra Paulo da Silva.

No final foram aprovadas duas moções. Uma delas tem as seguintes conclusões:

1.º Protestar enérgicamente contra a extradição de Paulo da Silva, visto ela constituir um acto monstruosamente iníquo.

2.º Apoiar qualquer movimento que a organização operária leve a efeito, caso seja consumado este crime.

3.º Car conhecimento desta moção ao ministro da França em Portugal.

A outra que se refere ao fascismo conclui por propor a organização duma resistência séria contra a pretendida ditadura dos reaccionários portugueses.

Ambas as moções foram unanimemente aprovadas, tendo a sessão terminado por entre vivas à C. G. T. e à Batalha.









## 'EDUCAÇÃO'

Tese a apresentar ao II Congresso das Juventudes Sindicalistas  
Preambulo

Ao I Congresso da Mocidade Sindicalista foi presente uma tese sobre Educação que, apesar de completa e em parte conter bastante matéria para ser aplicada, no entanto de algumas modificações carece.

A Educação em si compreende toda a formação espiritual e moral do indivíduo num gradualismo constante e determinado pela influência do meio ambiente, correspondendo à época e estado de evolução. É portanto um problema complexo e de tal magnitude, que só por uma adaptação experimental e metódica poderá ter verdadeira e completa aplicação.

Milhares de operários ou professores fariam preleções aos jovens sobre assuntos de carácter técnico e profissional.

### Educação geral

A educação geral deve obedecer mais a preparação da mocidade para a adaptação às necessidades duma nova vida social que surge na aurora da revolução emancipadora, exerce uma acção educativa tão completa quanto sejam as suas possibilidades e alcance próprio; sim, não é uma completa acção educativa no sentido amplo da palavra.

Ora, é dentro dessas suas possibilidades e função que devemos desenvolver essa acção educativa, moldando-a nos recursos próprios, e ainda como as facilidades de aproveitamento doutras que se nos deparam. Impõe-se-nos uma vasta obra educativa, e por isso procuramos nesta tese fazer uma assimilação de toda a obra educativa que dentro das Juventudes Sindicalistas é possível fazer-se.

O problema educativo depara-nos na sua solução quatro modalidades que convêm em separado estudá-las e adaptá-las, e são elas:

A educação profissional, a educação geral, a educação associativa e educação revolucionária.

É dentro deste critério que a I Conferência Juvenil de Lisboa colocou o assunto e que o congresso se pronunciou. A tese de Educação do I Congresso embora numa diferente disposição do assunto, tem pontos de convergência que torna este assunto de mais fácil solução:

### Educação profissional

Tendo por base a habilitação profissional do operário, é duma forte razão a sua aceitação, pois que, tendo um efeito imediato e representando o prestígio da aptidão do produtor, tornando-o capaz da reorganização da produção e distribuição equitativa numa sociedade racionalmente bem formada tendo por base o máximo interesse colectivo e a equidade que aspiramos.

Não basta produzir. É necessário saber-se o que se produz e o valor da produção, condições essenciais para que num período em que se proporcione o triunfo da Revolução expropriadora seguido dum período mais ou menos destrutivo, se exija sem demoras e deficiências o período reconstitutivo. É esta a razão porque defendemos para a mocidade trabalhadora a educação técnica profissional.

É impossível criarmos adentro das Juventudes Sindicalistas esses cursos técnicos, razão porque nos levam a apresentar-vos o princípio que os jovens sindicalistas deveriam frequentar as escolas técnicas.

Se é certo que o ensino elementar técnico enferma de deficiências e defeitos como todos os ramos e educação geral; a falta de material didactico, a imperfeição dos cursos na selecção das matérias a leccionar e os cursos serem incompletos e mal relacionados, no entanto são mais completos e dotados de condições do que as que nós fôssemos possíveis criar entre nós.

A educação técnica em Portugal carece duma profunda remodelação adaptando-a ao grau do valor industrial e comercial do país. Apesar de Portugal não ter indústrias próprias e em desenvolvimento, outras existem que carecem de profissionais habilitados, mas o que as nossas escolas não formam nem as condições de trabalho dos proletários o permitem.

A educação profissional nas escolas elementares técnicas a pesar destes inúmeros defeitos ainda a podemos aproveitar para em parte formarmos profissionais que melhor ou pior se adaptem às necessidades actuais da indústria, bem como à capacidade produtiva dos trabalhadores, condição essencial para assegurar a produção nos momentos reconstitutivos da Revolução à que aspiramos.

Impõe-se o ingresso dos jovens sindicalistas nas escolas técnicas, e que impulsione com o seu ardor, perseverança e decisão os protestos — por agora platonicos — dos alunos dessas escolas sobre o ingresso nos institutos médios vedados aos trabalhadores pela organização dos cursos e exames de admissão, exigindo as remodelações necessárias para tal fim.

Mas, localidades do país há e na sua maioria, em que não existem escolas técnicas profissionais. A mocidade trabalhadora de novo lhe fica vedado o seu aperfeiçoamento técnico profissional restrito a poucas localidades.

Portanto, em síntese, os jovens sindicalistas frequentando as escolas elementares técnicas nas localidades onde as haja, procuraria cada Núcleo ter um secretário de educação que faria parte duma comissão de educação que colocaria os jovens nessas escolas, providendo às dificuldades que lhes surgissem.

Todo o tempo deve ser aproveitado. Logo, portanto, durante as férias, nos Núcleos, camaradas jovens e adultos para tal habilitados fariam os seus estudos em conjunto, juntando numa atmosfera de agrado o estímulo pelo estudo simples e fecundo.

Nas localidades em que não existem escolas profissionais as mesmas comissões de educação procurariam que jovens ou adultos, mais ou menos habilitados leccionassem os seus camaradas, podendo-lhes servir de base: conhecimentos de aritmética, números inteiros, quebrados, sua soma, subtração, divisão e multiplicação, máximo divisor comum, menor múltiplo comum, regras de três, potências, regras de companhia.

## O correspondente de "A Batalha" em Coimbra desrespeitado por grosseiros militares

COIMBRA, 25.—A propósito duma notícia sobre a G. N. R. publicada em 17 do corrente foi o correspondente de A Batalha chamado à inspecção da polícia para prestar esclarecimentos.

Manda a nossa lealdade e o muito amor que temos pela veracidade dos nossos comunicados que rectifiquemos aquela notícia, pois verificámos em presença do próprio indivíduo prejudicado que a notícia não correspondia inteiramente à maneira como o facto foi passado.

De facto, o operário José Simões Lima pronunciou uma frase ofensiva da dignidade do comandante da G. N. R., major sr. Mota, tendo sido por esse motivo da guarda, sendo preso para o quartel da guarda, donde transitou imediatamente para os calabouços do governo civil, nos quais permaneceu pelo espaço de 48 horas, e não de três dias consoante as nossas informações primeiramente colhidas. Em seguida foi enviado ao tribunal, não tendo sido ali feito qualquer comentário ao procedimento do major sr. Mota, conforme declaração passada pelo juiz e que o sr. Mota nos mostrou.

Fica feita a devida rectificação, lamentando que erradas informações nos arrastem a considerações menos justas.

Do nosso correspondente em Coimbra recebemos a seguinte carta:

«Meu caro Santos Arranha.—Como verificas pela notícia acima foi intimado, na qualidade de correspondente de A Batalha a ir prestar declarações à inspecção da polícia a propósito duma local em que criticava acerbamente o procedimento dum guarda da polícia. Ali, verificando o exagero da notícia, nada mais tinha a fazer que rectificar-me a rectificar o que não estava conforme à verdade. Assim fiz. Mas não posso deixar de vincar o meu veemente protesto contra a atitude incorreta assás violenta do comandante da G. N. R., major Mota. Este senhor, esquecendo-se de certeza de que não estava a tratar com os seus subordinados, dirigiu-me ameaças, juntamente com uma frase ofensiva, ao mesmo tempo que me chegava os punhos à cara, numa atitude de tal maneira agressiva que cheguei a recear pela integridade do meu físico.»

Chamou-me canalha o sr. Mota! O que diria se lhe desvelassemos um epíteto igualmente insultuoso?

Isto passado ante a impassibilidade do Inspector da polícia, sr. Eurico de Campos, não obstante eu ter chamado a sua atenção pela violência de que estava sendo vítima. É conveniente frisar que o sr. Eurico de Campos se dedica, nas horas que os serviços policiais lhe deixam vagas, ao desporto de escrever para jornais...

Conviém esclarecer, meu caro Arranha, que esta scena foi passada numa ocasião em que a minha inferioridade física era manifesta, pois saí-me a caro, de certeza, qualquer esboço de defesa por mim manifestado no caso de ser agredido, como esteve imminente, e, naturalmente, passaria depois à categoria de agressor.

Não quero deixar também de focar a atitude do major sr. Madeira, comissário da polícia, que até determinada altura esteve presente. Este sr. verbera os nossos processos jornalísticos, apodando-os de menos dignos.

Compreendemos que o major sr. Madeira não morra de amores pela Batalha, pois já temos atacado desassombradamente nestas colunas a sua inércia que toca as raízes de convivência em face das manobras da batota e dos batoteiros...

Terminando, meu caro Arranha, quero tornar bem pública a atitude destes senhores que se dizem mantenedores do prestígio da lei e que em chegada a ocasião não têm dúvidas em a espelhar. Assim, fica aberto o precedente de qualquer guarda republicano ou polícia vexar e insultar o que se atreve a criticar-lhes os seus desmandos.

Sem outro assunto, meu caro teu e da causa.—Arnaldo Simões Januário.

São velhas as rivalidades entre o sabre e a pena. Os militares profissionais, quando encarnam o espírito caserneiro, são estúpidos e grosseiros de acordo com as suas selváticas tradições. Mas estes valentes guerreiros ainda não compreenderam que a época que decorre não é propícia às suas alarves arremetidas?

### Secção Telegráfica

#### Federações

##### CONSTRUÇÃO CIVIL

Secção Federal de Propaganda do Norte.—Procurer amanhã, na sede, correspondência urgente que lhes foi enviada.

##### METALURGICA

S. U. Metalúrgico do Porto.—Seguiu expediente e junto ofício.

S. U. Metalúrgico da Marinha Grande.—Recebemos ofício e vale. Segue expediente.

### ASSINEM Os mistérios do Povo

violento ataque à sociedade burguesa, esboçando sempre como assunto a questão social nas suas múltiplas formas, e aproveitando os estados de espírito do povo para intervir.

Poderá ao terminar ser notado que pouco se tratou da educação da mulher, mas suponho que dentro das Juventudes toda a educação é igual para os dois sexos. Só pode diferir na parte de educação profissional, e que a escola compete. No entanto a higiene do lar, economia caseira, tratamento das doenças no lar, a pesar de pertencer e figurar nos programas escolares técnicos profissionais, também as juventudes o podem fazer por preleções em que professoras o poderão fazer nas nossas sedes.

Eis o muito que se pode já fazer em matéria de educação.—Relator: Comité Federal.

### CONFERÊNCIAS

#### "A democratização do ensino"

COIMBRA, 25.—Com este título, efectuou, no dia 21, o estudante de direito, sr. Mário de Castro, uma conferência na sede da Universidade Livre.

O orador expoz à assembleia a sua concepção sobre «A democratização do ensino», preconizando uma obra de expansão do ensino profissional, em contraposição ao ensino que até hoje unicamente se tem realizado em Portugal e que por objectivo não tem tido senão este: fabricar doutores, bachareis, etc.—valores, na sua maioria, infelizes, nulos.

O ensino deve ter outra finalidade mais lógica: preparar valores úteis, produtivos, para o bom funcionamento do maquinismo social.

Em Portugal, são demais três Universidades: uma, somente, era bastante.

Fez, à volta desta tese, várias considerações interessantes que agradaram bastante à assistência.

#### "O valor moral da educação física"

COIMBRA, 23.—Subordinada a este título, realizou na sede da Associação Cristã de Estudantes, a sua anunciada conferência, o dr. sr. António Sérgio.

Abriu a sessão o académico e escritor sr. Vitorino Nemésio, que fez o elogio do conferente e convidou para presidir o dr. sr. Aurélio Quintanilha, o qual, por sua vez, indicou para o secretariado os srs. Vitorino Nemésio e dr. Manuel da Silva Gato.

Principia o conferente por afirmar que o desporto teve a sua origem na Inglaterra, entendendo-se em seguida aos outros países. Reconhece que em Portugal tem o desporto sido praticado desordenadamente e gerado a chamada paixão do desporto.

Tem ultimamente aparecido quem mova campanhas contra o desporto e preconize uma intensa luta com o fim de o aniquilar. Quanto a ele, orador, é de opinião que não se deve procurar extinguir o desporto, mas sim canalizá-lo numa directriz mais justa e mais moral.

Quanto a ele, deve-se não procurar desnaturalizar a paixão do desporto—que é tarefa, senão impossível, pelo menos muitíssimo difícil e espinhosa—mas dar ao desporto uma orientação mais consentânea com as necessidades sociais e extrair dele tudo o que de bom contém.

Faz, depois, a apologia do desporto e patenteia os benefícios que dele advêm para a educação, não só física—que são os menos notáveis—mas, sobretudo, para a educação moral do indivíduo.

Exemplifica, apontando os ingleses, rigidos, metódicos, dotados do espírito de auto-domínio, que faz deles o povo mais liberal.

Lê vários trechos da obra de Ramalho Ortigão, «John Bull», comprovativos do que afirma.

Prova que em França há já uma literatura desportiva: romances, poesias, em que são exaltadas as vantagens do desporto, como factor importantíssimo do culto da Beleza, da Bondade e da Solidariedade.

### Propaganda camiliana

O sr. dr. Ludovico de Menezes realiza hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, a primeira duma série de palestras que no mesmo local vai efectuar sobre Camilo Castelo Branco. Aquele camilianista fará hoje a leitura de alguns trechos de «A brasileira de Prazins». Em seguida há sessão cinematográfica, sendo a entrada franca.

### "Organização científica do trabalho"

O sr. dr. João Camoesas vai repetir na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato dos Arsenalistas do Exército, ao Campo de Santa Clara, a série de conferências que, por iniciativa daquela instituição educativa, realizou com tanto êxito na secção da Construção Civil sob o tema «Organização científica do trabalho». A primeira dessas conferências efectua-se amanhã, pelas 21 horas.

### Comité pró-presos por questões sociais

Indortâncias recebidas pelo Comité Pró-Presos por questões sociais:

Transporte, 9.949.933; Associação dos Rurais de Evora, 36.920 (lista 128); Grupo de Libertades Sociais do Porto, 4090; Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas de Setúbal, 23.900 (lista 150); Idem, 16.900 (lista 148); Sindicato Têxtil do Porto, 20.900; Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto, 35.900; Carpinteiros do Manicócio (Conselho Técnico), 9.980; José Alberto, de Evora, 5.900; Domingos Bernardino, de Santarém, 5.900; entregue pela administração deste jornal, 29.950; Eduardo Raul da Costa, 2.950; António da Silva, 10.900; Miguel Sebastião, de Faro, 5.900; quadro tipográfico deste jornal, 42.950 (lista 8); pintores do Manicócio, 5.900; quete tirada entre o pessoal da casa Manuel Figueira, 44.900; Rurais de Jorumenho (lista 188) 41.950; entregue pela administração deste jornal, 25.915; Sindicato do Pessoal dos Rebocadores e Gasolinhas, 20.900 (cota mensal); Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra, 10.900 (cota mensal); caniteiros do Manicócio, 17.900; quete tirada na Imprensa de Libânio da Silva, 23.900; quete tirada entre os camaradas que se encontram em Tanger (Marrocos), 192 francos cambiados a 608 no total de 130.950; lista 11 (sede), 47.950; entregue pela administração deste jornal, 31.795; Feliciano Cardoso, 10.900; Adelino Ferreira, 5.900; Sindicato dos Operários Corticeiros de Setúbal, 13.980; João Sena Júnior, 15.950; Fernando Cândido, 15.950; Diogo Carriço, 14.950; carpinteiros do Manicócio, 17.900; Câmara Sindical do Porto, 32.970 de quetes tiradas em vários organismos daquela cidade. A transportar, 7.243.909. Ofertas: Feliciano Cardoso, uma navalha de barba, Carlos Ferro de Carvalho, uma figa de azeiche encaustado em ouro, ambas para serem vendidas em benefício dos presos.

### LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista intitulada *Maternidade*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## AS GREVES

Os metalúrgicos de Rio Meão mantêm ardorosa luta pelas oito horas de trabalho

PORTO, 26.—Há perto de seis semanas que, em Rio Meão, está em greve os operários metalúrgicos da fábrica do Biscão. Trata-se duma questão de dignidade individual e colectiva e de interesse material e físico.

O «Biscão», que por sinal tem um insolente tom de *bisca* regular, pensou um dia que os seus negócios explorativos do trabalho alheio não corriam tão divinamente como ele desejava. E como assim sonhou... sonhou também que os seus escravos é que tinham a restrita obrigação de pagar, com língua de palmo, todo o patu.

Muito senhor de quem está numa fazenda, roça africana, afixou um edital na fábrica, pelo qual comunicou ao pessoal a sua inabalável resolução de abater 40 por cento aos ordenados e acrescentar mais duas horas ao horário legal do trabalho que está estipulado numa lei republicana do país... E ficou-se à espera dos acontecimentos, isto é, à espera que os seus explorados, estando perdidos numa freguesia aldrá, distantes do contacto das cidades revolucionárias, se sujeitassem mu humilamente àquela maior pressão da canga.

Mas como o facho da revolta consegue igualmente levar os seus raios ardorosos até às terras da província, uns dois operários protestaram contra a ignóbil extorsão industrial. E o Biscão, julgando com ela a jugular toda a revolta que intimamente ia pelos seus operários, jogou esta *bisca*: despediu os dois protestantes. Mas como a solidariedade não é de todo uma palavra vã, o restante pessoal acamardou-se com as vítimas.

Perdido o *naipe* da sua insólita jogatina, o Biscão coçou a cabeça, puxou pela *trunfa* e com ela esta genial ideia: escrever uns bilhetinhos e mandá-los a casa daqueles que lhe supunha ser uns carneiros, gramando toda a sua ladrazav ambição.

Esta nova correu pelo pessoal que não foi mimosoado, galantemente, pelos namorados bilhetes do patrão.

Os seus colegas «contemplados» não fizeram dos bilhetes caixas encorçadas. Na manhã do dia seguinte à entrega dos bilhetinhos, todo o pessoal dirigiu-se à fábrica. Contra o costume da casa, estava um porteiro à porta, a indicar que só podiam entrar, não aqueles que não tivessem cabeça, mas os portadores dos tais papuchinhos escritos. O pessoal, porém, todo unido, entrou todo. Queriam saber, de *visu*, quais os bons humores do explorador...

E eles não se fizeram esperar. Perfeitamente bem dispostos na sua revolta usura, o Biscão mandou transmitir por uma criatura qualquer que não é empregada na casa, este interessantíssimo *biscão*: «Só podem trabalhar aqueles que receberem os bilhetes. Os outros consideram-se despidos. As novas condições de trabalho para os «felizes bilhetados» são estas: 35 % de abatimento nos antigos salários—vã, que já é uma transigência complacente—e o *dever inalterável* de, durante 18 semanas, darem semanalmente meio dia de trabalho para cobrir os prejuizos que o Biscão tem tido, coitadinho...»

¿Que tal está a espartez? Isto é que é ser finório...

A resposta não podia ser outra senão aquela do Zé Povinho consagrado por Bordoal Pinheiro. Foi com ela que o pessoal citado amolgou a flocineira... das vis pretensões do Biscão...

E a fábrica lá está, há perto de 6 semanas, completamente paralisada e guardada fielmente, tão fielmente como o deseja o avarento, pela excelentíssima *briosa* defensora da ordem capitalista do roubo, da crápula e da tirania... E o pessoal lá está, solidariamente, no seu pósto de resistência e com os casacos apertados, bem apertados...

Faltava acrescentar a esta singela história mais este facto notável: em Rio Meão há um indivíduo que dá pelo chamadinho de Adelino de Carvalho, salvo seja! Esta abjecta criatura, também entredita na ajuda do roubo do negro pão dos operários, esforçou-se em arrastar, de pistola empunhada, um pobre operário analfabeto—que rendeu assim belicamente assustar os camaradas que se opunham—e ainda selopõem—que se retomasse o trabalho naquelas vexantes condições...

C. V. S.

### MALAS POSTAIS

Pelo paquete «São Miguel», são hoje expedidas malas postais para as ilhas da Madeira e Açores, sendo da caixa geral a última tiragem das correspondências 7 horas e no País de Santos recebe-se correspondências até às 9,45, mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

Também por via Marselha se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau. A última tiragem é às 11,30 horas.

### Uma Moagem que rouba e uma fiscalização que se deixa subornar

O pão de luxo de 250 gramas da Companhia Nacional de Alimentação goza do privilégio de poder ter no peso uma diminuição de 15 gramas, sem que ninguém, por esse facto, possa considerá-lo roubado. Porém, a Moagem entendeu que esse roubo diário de 15 gramas em cada pão não satisfazia completamente o seu instinto ladrazav, pelo que resolveu, por sua conta e para seu proveito, diminuir-lhe mais 35 gramas. Resultado: um pão que devia pesar 250 gramas só pesa 200!

Acontece ainda que desde que alguém adquira 1 quilo do aludido pão, o peso é obrigatório. Mas, a Moagem resolveu que não se pesasse—e não se pesa, entendendo que um quilo não deve pesar mais de 800 gramas.

F a fiscalização, o que faz? O que faz? Vai às padarias receber uma determinada quantia, tornando-se cúmplice, e cúmplice interessada, das roubalheiras da Moagem. E o público que continue sofrendo uma Moagem que o rouba e uma fiscalização que se deixa subornar pela Moagem...

## Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal para se ocupar do 1.º de Maio.

C. S. T.

### Reunião do Conselho Gera

Reuniu-se com a representação dos seguintes sindicatos:

Mobiliário, C. Civil, Manipuladores de Pão, Manufactores de Calçado, Litógrafos e Anexos, Operários Alfaiates, Encadernadores, Impressores Tipográficos, Operários do Município, Empregados no Comércio e Indústria.

Foram aceites os novos delegados dos Sindicatos dos Litógrafos e dos Chapelieiros.

Foi aprovada a seguinte moção, apresentada pelo delegado dos operários alfaiates, respeitante a uma local publicada no boletim do Socorro Vermelho:

Tendo o Boletim da Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional publicado «que assim que este organismo se dirigiu à extinta comissão pró-regresso dos deportados, incitando-a a que prosseguisse-se nos seus trabalhos, tanto mais que havia a certeza que identifica campanha em França e Inglaterra pela mesma causa se ia iniciar, foi o bastante para que a comissão pró-regresso dos deportados se demitisse e a campanha terminasse», o Conselho de Delegados da Câmara Sindical do Trabalho, reunido a 21 de Abril, resolve tornar público:

1.º—Que comissão pró-regresso dos deportados, tendo concluído os seus trabalhos, com a manifestação junto do parlamento, entregou a este Conselho todo o expediente constante dos mesmos.

2.º—Que o Conselho resolveu ainda fazer baixar toda esta documentação à C. G. T., para, em harmonia com as resoluções tomadas no Congresso de Santarém, prosseguir no movimento.

3.º—Que os officios do Socorro Vermelho sobre o assunto estão juntos à restante correspondência e que não foi pelos officios de Socorro que a comissão se demitiu, mas por nada mais ter a fazer, nessa altura.

### Comissão Instaladora

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, convidando-se a comissão administrativa do Sindicato do Pessoal da Casa da Moeda.

### CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Impressores Tipográficos.—A direcção, às 21 horas:

S. U. C. Civil.—Secção dos serventes.—A's 21 horas, a comissão administrativa.

Operários Alfaiates.—A's 21 horas, a assembleia geral.

União Têxtil.—A direcção, às 19 horas.

DIAS PROXIMOS:

Manufactores de Calçado.—Amanhã, às 21 horas, a assembleia geral para apreciar o parecer da comissão contra a baixa de salários.

S. U. Mobiliário.—Amanhã, às 21 horas, os corpos gerentes.

## A crise na indústria do mobiliário em Coimbra

COIMBRA, 25.—Os operários do mobiliário continuam a braços com uma apavorante crise de trabalho que cada vez manifesta maior tendência para se agravar. Sendo atingidos pela crise geral que atravessam todos os ramos de indústria, sofrem ainda a concorrência das oficinas da Penitenciária, as quais se encontram a ser exploradas por arrematantes que exercem dentro daquelas oficinas ignóbeis extorsões aos presos e que conseguem manter uma enorme produção que, posta no mercado, prejudica enormemente a indústria particular.

Porém, a pesar da situação verdadeiramente angustiosa da maioria da classe do mobiliário, há operários desta indústria que estão parecendo duma maneira inconscientemente, parecendo não se terem apercebido ainda da triste realidade dos factos.

Assim, somos informados que na Sociedade de Móveis, L.ª os operários que ali exercem a sua actividade se estão sujeitando a um regime de trabalho vexatório, prejudicando os seus colegas desempregados.

Naquela casa, há muito tempo já que os operários trabalham apenas três dias por semana, em virtude da crise. Pois ultimamente, por proposta dos patrões, os operários estão fazendo trabalhos por empreita durante os três restantes dias da semana.

É lamentável que os operários desta oficina não verifiquem que com a sua atitude estão prejudicando uma classe inteira, pelo exemplo e incentivo que pode trazer aos restantes industriais, que afinal pouco se preocupam com a situação dos seus operários, e a comprovar esta asserção está o facto dos proprietários da Sociedade de Móveis, L.ª, não obstante a crise por que atravessa a indústria, terem encomendado por diversas vezes trabalho já manufacturado da Granja.

Então podem encomendar móveis de fora e não têm trabalho para dar aos profissionais da terra?

Quem nos informa asseverava que esta atitude dos senhores da Sociedade de Móveis é de certeza uma maneira estranha de manifestarem a sua gratidão ao pessoal pelas festas e ornamentação da oficina quando sucede algum patrão passar o seu aniversário natalício...

Que lhes preste... — C.

### ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados

CASA PALISSY GALVANY

Rua Serpa Pinto, 15